

Artigos Originais**CIDADE-SATÉLITE E PESQUISA NO PLANO PILOTO: VISÕES DE SAÚDE E VISÕES DE UNIVERSIDADE****Original Articles****SATELLITE TOWN AND RESEARCH IN THE PILOT PLAN: VISIONS OF HEALTH AND VISIONS OF UNIVERSITY**

Rosamaria Giatti Carneiro*

<http://lattes.cnpq.br/5760185568410598>rosagiatti@yahoo.com.br

Fernanda Karoline Lima Oliveira**

<http://lattes.cnpq.br/9484780131406025>fernandaklo@hotmail.com

Brenda de Sousa Oliveira***

<http://lattes.cnpq.br/4264619668085287>brendadesousamachado@gmail.com

Alisson Henrique Santos Ribeiro****

<http://lattes.cnpq.br/5634962854325622>alisson.henrique@gmail.com

Milena Frazão Nascimento*****

<http://lattes.cnpq.br/7313626386851878>milenafrz@gmail.com

Rafaela Alves da Silva*****

<http://lattes.cnpq.br/9917467281348889>rafaela-amor011@hotmail.com

Patricia Cirqueira de Oliveira*****

<http://lattes.cnpq.br/8967758679746676>patricia.cirqueiraconcursos@gmail.com

* Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente da Universidade de Brasília (UnB).

** Graduanda em Enfermagem pela Universidade de Brasília (UnB).

*** Graduanda em Enfermagem pela Universidade de Brasília (UnB).

**** Graduando em Enfermagem pela Universidade de Brasília (UnB).

***** Graduanda em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília (UnB).

***** Graduanda em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília (UnB).

***** Graduanda em Gestão de Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília (UnB).



RESUMO

Este artigo pretende explorar a possibilidade e consequências de uma lógica de pesquisa, na medida em que relata uma experiência de investigação do centro (Câmpus Darcy Ribeiro/UnB) como objeto de investigação da periferia (Câmpus Ceilândia/UnB), tendo por campo de problematização a percepção estudantil de universidade, da atual expansão universitária e de saúde. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que busca refletir, portanto, sobre o cotidiano e impressões dos estudantes da Universidade de Brasília, do Câmpus Darcy Ribeiro, sobre seus comportamentos, hábitos e práticas no espaço universitário. Os dados foram coletados por meio de entrevistas e observação participante realizadas no Instituto Central de Ciências (ICC) e na Faculdade de Ciências da Saúde e Medicina (FS), com o objetivo de mapear características e diferenças entre esses dois espaços.

Palavras-chave: universidade. estudantes. REUNI. saúde.

ABSTRACT

This paper aims to explore the possibility and consequences of a research logic, according as reports a research experience of the center (Câmpus Darcy Ribeiro / UnB) as object of research in the periphery (Câmpus Ceilândia / UnB), by questioning the student perceptions of university, the current expansion and health as well. This is a qualitative research that seeks to reflect, therefore, on the daily impressions and students of the University of Brasília, Câmpus Darcy Ribeiro, about their behaviors, habits, and practices into the university space. Data were collected through interviews and participant observation conducted at the Central Institute of Sciences (ICC) and the College of Health Sciences and Medicine (FS), with the objective of mapping features and differences between these two spaces.

Keywords: university. students. REUNI. health.

INTRODUÇÃO

Tendo como pano de fundo a ideia de que a periferia se configura, em grande medida, como objeto de pesquisa do centro, a presente pesquisa tem como objetivo realizar uma inversão desta lógica. Deste modo, a pesquisa a respeito do centro (UNB Darcy Ribeiro) será feita pela periferia (UNB Ceilândia), tendo como objeto de

problematização a percepção dos estudantes em relação à universidade, o processo de expansão da universidade e visões de saúde e auto-cuidado.

Esclarece-se, logo de saída, que esta pesquisa vem sendo realizada por estudantes da FCE/UnB, da UnB Ceilândia. Os pesquisadores são todos estudantes da respectiva faculdade criada pelo Programa REUNI. O grupo, composto de 07 (sete) estudantes, conta com a participação de graduandos em Saúde Coletiva, Enfermagem e Terapia Ocupacional, ou seja, de estudantes das Ciências da Saúde, que, neste projeto, no entanto, se veem norteados pelas premissas das Ciências Sociais, na medida em que se realiza uma pesquisa qualitativa e em busca de significados e percepções sociais. Vale, por último, notar que esta pesquisa se viu também mobilizada pelo fato dos pesquisadores serem estudantes da denominada “periferia” e da expansão do REUNI e que essa condição particular despertou o anseio pelo mapeamento de eventuais diferenças de representação e vivência da universidade e de saúde em relação ao Câmpus já consolidado da UnB e lócus de estudo.

Por local de estudo entenderemos os prédios e espaços físicos e por áreas de formação as disciplinas específicas de determinadas profissões. E isso em razão de no Câmpus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília existir vários prédios, com salas, laboratórios, áreas de convivência e centros acadêmicos, cada qual possuindo uma especificidade, a partir de seu campo de formação acadêmica.

REUNI: EXPANDINDO E RENOVANDO A IDEIA DE UNIVERSIDADE

O REUNI é o “Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e de Expansão das Universidades Federais”, instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, com o objetivo de dotar as universidades federais das condições necessárias para a ampliação do acesso e permanência no ensino superior. É uma das ações do Plano de Desenvolvimento Econômico (PDE), que tem uma perspectiva de implementação de 15 quinze anos e tem por prioridade a educação básica. O PDE prevê várias ações que visam identificar e solucionar os problemas que afetam diretamente a educação brasileira, mas vai além ao incluir ações de combate também a problemas sociais que inibem o ensino e o aprendizado com qualidade.

De acordo com a letra do programa, suas ações devem ser desenvolvidas conjuntamente pela união, estados e municípios brasileiros.

De acordo com o Ministério da Educação/MEC, os objetivos gerais do programa são: expandir, ampliar, interiorizar e consolidar a rede de Institutos e Universidades Federais, democratizando e ampliando o acesso de vagas na Educação Profissional, Tecnológica e Superior; promover a formação de profissionais qualificados, fomentando o desenvolvimento regional e estimulando a permanência de profissionais qualificados no interior do Brasil e, por último, potencializar a função social e o engajamento dos Institutos e Universidades como expressão das políticas do Governo Federal na superação da miséria e na redução expressão das políticas do Governo Federal na superação da miséria e na redução das iniquidades sociais e territoriais.

Esse projeto, portanto, busca o crescimento do acesso e da permanência na educação superior. Por isso, tem por meta dobrar o número de alunos nos cursos de graduação em dez anos a partir de 2008 e permitir o ingresso de 680 mil alunos a mais nos cursos de graduação, segundo o Portal do Ministério da Educação (MEC) (BRASIL, online). Para tanto, todas as universidades federais aderiram ao programa e apresentaram ao Ministério da Educação um plano de reestruturação, de acordo com a orientação do Reuni de 14 universidades e mais de 100 novos campi que possibilitaram a ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação.

Nessa esteira, essa expansão do ensino superior vem atendendo 2 dimensões: “uma dimensão social” (a universalização de atendimento aos territórios da cidadania; atendimento aos municípios populosos e com baixa receita per capita, 100 cidades brasileiras com receita per capita inferior a R\$ 1 mil e com mais de 80 mil habitantes) e “uma dimensão geográfica” (atendimento prioritário aos municípios com mais de 50.000 habitantes ou microrregiões não atendidas; universalização do atendimento às mesorregiões brasileiras; municípios em microrregiões não atendidas por escolas federais e interiorização da oferta pública de Educação Profissional e Ensino Superior).

Para tanto, existem algumas diretrizes que foram colocadas como propostas para o andamento deste projeto de expansão. Entende-se que as universidades precisam assegurar que a reestruturação e a expansão programada sejam

realizadas com garantia de qualidade acadêmica, destacando a importância de flexibilidade curricular nos cursos de graduação, que permita a construção de itinerários formativos diversificados e que facilite a mobilidade estudantil; a oferta de formação e de apoio pedagógico aos docentes da educação superior, que permitam a utilização de práticas pedagógicas modernas e o uso intensivo e inventivo de tecnologias de apoio à aprendizagem e a disponibilidade de mecanismos de inclusão social, a fim de garantir igualdade de oportunidades de acesso e permanência na universidade pública a todos os cidadãos. Por fim, vale dizer que todas as propostas encaminhadas deverão contemplar um aumento mínimo de 20% nas matrículas de graduação projetadas para a universidade, além de atender as demais diretrizes do programa.

Diante disso, o programa REUNI pretende congrega esforços para a consolidação de uma política nacional de expansão da educação superior pública, através da qual o Ministério da Educação cumpriria o papel que lhe é atribuído pelo Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.172/2001), de oferta de educação superior para, pelo menos, 30% dos jovens na faixa etária de 18 a 24 anos, até o final da década 2000. (BRASIL, 2001).

Segundo o Ministério da Educação, suas ações se resumem em aumentar as vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão. Existe, simultaneamente, o interesse de garantir a qualidade dos cursos de graduação da educação pública e também de ampliar o acesso com total estrutura física e aumento de recursos humanos nas universidades federais. Segundo a letra do REUNI, o ensino superior deve se preocupar também em formar pessoas capacitadas para solucionar problemas cada vez mais complexos na/da vida pública e, para isso, os seus cursos devem estar abertos às matrizes curriculares de maior flexibilidade e interdisciplinaridade do curso.

Diante dos dados coletados no Relatório do Primeiro Ano de REUNI (2008), o programa se via na Fase I – Programa de Expansão:

Antes da iniciação do Programa REUNI, desde 2003, existia o Programa de Expansão da Rede Federal de Educação Superior, que tinha como objetivo interiorizar os campi das universidades federais. Para que se possa ter ideia, o

número de municípios atendidos pelas universidades passou de 114 para 237 até o final do ano de 2011. Desde o início da expansão, já foram criadas mais de 14 universidades e mais de 100 novos campi que possibilitaram a ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação.

MAS E AGORA, JOSÉ/MARIA? E NA UnB, COMO TUDO ISSO CAMINHA?

Antes de pensarmos sobre sua expansão, precisamos pensar em sua criação e, assim, apresenta-la ao nosso leitor.

A Universidade de Brasília nasce dois anos depois da capital federal, em 21 de abril de 1962, em uma sessão solene no “Auditório Dois Candangos”, assim denominado a título de homenagem de dois pedreiros, Expedito Xavier Gomes e Gedelmar Marques, que morreram soterrados em um acidente durante sua construção. A ideia de uma universidade na capital é atribuída ao antropólogo Darcy Ribeiro, tendo sido, inclusive, o seu reitor. O projeto original é dos arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.

A UnB se instalou entre a Asa Norte e o Lago Paranoá. Mas a luta contra sua construção foi significativa da parte de algumas políticas, que temiam proximidade tão grande entre estudantes e o Palácio do Planalto. Em que pese tais resistências, em 15 de dezembro de 1961, o então presidente daquela época, João Goulart, aprovou a lei 3.998/61, autorizando o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade de Brasília.

De acordo com a Secretaria de Planejamento (SPL) da Universidade de Brasília - a instituição tinha ao equivalente 13 mil metros quadrados, distribuídos em 9 prédios. Os primeiros cursos de graduação criados foram o de Direito, Administração e Economia, Letras Brasileiras e Arquitetura e Urbanismo, sendo que o único curso ministrado no próprio Câmpus era o de Arquitetura e Urbanismo. Os outros estavam no Ministério da Saúde, e a administração e a reitoria da Universidade funcionavam no Ministério da Educação.

Porém, em 2004, passadas quase duas décadas, a Secretaria de Planejamento da Universidade afirmava que a UnB contava com 396 laboratórios, 51 departamentos, 22 institutos e faculdades, 14 centros, 5 decanatos, a Biblioteca

Central, Centro de Informática, Centro de Produção Cultural e Educativa, Editora Universidade de Brasília, Fazendo Água Limpa, Hospital Universitário, 3 Secretárias e um Hospital Veterinário. Além da existência de agência bancárias, agências dos Correios, lanchonetes, copiadoras, posto de gasolina, lojas de conveniência, restaurantes e livrarias. A universidade contava com 3,95 milhões de metros quadrados, sem considerar a construção da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação o Centro de Seleção, Promoção e Eventos (CESPE), bem como os Institutos de Biologia e de Química que foram construídos recentemente.

Atualmente, a UnB, possui 2.445 professores, 2.630 técnicos-administrativos e 28.570 alunos regulares e 6.304 em regimes de pós-graduação. São ofertados 68 cursos de graduação, onde 55 acontecem no Câmpus Darcy Ribeiro, 5 no Câmpus Ceilândia, 4 no Câmpus Gama e outros 4 no Câmpus Planaltina. Esses cursos constituem 26 institutos e faculdades e 21 centros de pesquisa especializados. Para tanto, conta com os seguintes sistemas de ingresso: Vestibular, o Programa Avaliação Seriada (PAS) ou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

A FCE: FACULDADE UnB CEILÂNDIA

O Câmpus UnB Ceilândia oferta seis cursos de graduação voltados para a área da saúde: Enfermagem, Fisioterapia, Farmácia, Terapia ocupacional, Saúde Coletiva e Fonoaudiologia. Vale dizer que os Cursos de Fisioterapia e de Fonoaudiologia existem somente na Faculdade de Ceilândia (FCE), enquanto Farmácia, Saúde Coletiva e Terapia Ocupacional existem também no Darcy Ribeiro, mas com outra ênfase. “A graduação em Saúde Coletiva foi uma proposta inovadora e nacionalmente, sendo um dos primeiros cursos no país; a graduação em Terapia ocupacional é a primeira do Distrito Federal e entorno.” (MONTAGNER et. al, 2010).

O diferencial e marca da FCE é formar profissionais da saúde generalistas, mas, sobretudo, humanistas, críticos e reflexivos, capacitados a atuarem em todos os níveis de atenção à saúde.

O campus UnB Ceilândia tem origem no Plano de Expansão da Universidade de Brasília e foi denominado, em termos regimentais, de

Faculdade de Ceilândia- FCE/UnB, tendo sido implantado na maior Região Administrativa (RA) do Distrito Federal. A cidade da Ceilândia possui uma população, de acordo com dados do IBGE (2010), de 402.729 habitantes, dos quais 323.913 vivem na área urbana tradicional, 56.483 no Condomínio Sol Nascente, 8.816 no Condomínio Por do Sol, 6.658 no Condomínio Privê e 6195 na área rural. A sua rede de atenção a saúde, dispõe de um Hospital, doze Centros de Saúde, dois Postos (Urbano e Rural), um laboratório, um Núcleo de Inspeção, um Centro de Apoio Psicossocial (CAPS) e onze equipes de Saúde da Família. Dados de 2011 registram a realização de 623.593 procedimentos de atenção à saúde, dos quais 290.044 foram realizados no Hospital Regional de Ceilândia; 331.947 nos Centros de Saúde e 1.602 no CAPS. No que diz respeito à gestão da rede de saúde local, a comunidade participa das decisões nos Centros de Saúde, por meio de Conselhos Gestores, e tem assento no Colegiado Gestor de Saúde. A rede de atenção à saúde conta ainda com os Núcleos de Estudos e Programas para os Acidentes e Violências e de Medicina Natural e Terapêuticas de Integração. (PINHO et. al, 2012).

Para sediar tal proposta, foi feito um acordo entre a UnB e o Governo do Distrito Federal (GDF), por meio da Secretaria de Estado da Educação. O GDF cederia espaço em uma escola para a instalação temporária do câmpus, o que aconteceu no Centro de Ensino Médio nº 4 de Ceilândia Sul. Os trabalhos do novo câmpus já haviam começado nas instalações do Núcleo Jurídico da UnB no centro da cidade da Ceilândia. Em seguida, o GDF doou um terreno de 20 hectares que abrigaria as instalações definitivas do Câmpus, onde, atualmente, encontram-se dois prédios: Unidade de Ensino e Docência (UED) e a Unidade Acadêmica (UAC). Em sua estrutura, os dois prédios possuem a biblioteca, salas de professores, 16 salas de aulas, laboratórios multidisciplinares, laboratório de informática, sala multiuso e 2 auditórios. Segundo dados da Secretaria de Planejamento da UnB (2011), a FCE/UnB já possui mais de 1.500 alunos de graduação matriculados, com 260 estudantes admitidos a cada semestre, 24 estudantes de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado, e reúne 108 docentes e 53 técnico-administrativos.

EM CAMPO: NOTAS DE UMA PRIMEIRA PESQUISA

Para a pesquisa aqui proposta, investigamos principalmente o prédio do Instituto Central de Ciências (ICC), que é dividido em Ala Sul e Ala Norte e onde estão concentradas a maior parte dos cursos das Ciências Humanas e Exatas. Esse

conjunto de salas é conhecido como “Minhocão”, por conta de seu longo formato e curvatura. Dedicamo-nos, também, à problematização do cotidiano e das percepções sociais operantes na Faculdade de Ciências da Saúde e Medicina (FS), localizada no Darcy Ribeiro, mas apartada do ICC, local em que se concentra a maior parte dos cursos de graduação e de pós-graduação orientados às áreas da saúde, tais como Medicina, Saúde Coletiva e Enfermagem.

Utilizamos a metodologia de pesquisa qualitativa, que se caracteriza por ter um caráter exploratório e que estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Nesse sentido, trabalha com aspectos subjetivos e atinge motivações não explícitas ou mesmo conscientes, abrindo espaço para a interpretação de percepções sociais sobre a natureza geral ou específica de uma questão. Esta pesquisa, então, desenvolve-se a partir de ideias e padrões encontrados nas experiências de campo, ao invés de coletar dados para comprovar teorias, hipóteses e modelos pré-concebidos.

Buscamos refletir sobre o cotidiano e impressões dos estudantes da Universidade de Brasília, do Câmpus Darcy Ribeiro, sobre seus comportamentos, hábitos e práticas no espaço universitário. A ideia central era compreender e descrever o que pensam da universidade, da democratização do ensino e quanto aos cuidados. Os dados foram coletados por meio de entrevistas abertas e semiestruturadas, nas quais os entrevistados puderam se sentir a vontade para dizer aquilo que pensavam sobre universidade, bem como negar a possibilidade de resposta ou dizer não desejar mais participar da pesquisa. Para isso, foram usados Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TLCE) e pedido para o uso posterior da imagem e do material registrado em áudio.

No que diz respeito à dinâmica da pesquisa, acreditamos que o fato de outros estudantes universitários terem atuado como entrevistadores/pesquisadores tenha contribuído para o desenvolvimento da coleta de informações, que fora de fácil acesso e aceite na participação.

Na primeira saída de campo, o grupo de pesquisadores era composto por 3 estudantes de Enfermagem e 1 do Curso de Saúde Coletiva. Na segunda saída, acrescentou-se um estudante de Terapia Ocupacional, e, em seguida, se somaram mais outras duas estudantes de Saúde Coletiva. A pesquisa de campo foi realizada

durante 3 meses, com saídas quinzenais ao Câmpus Darcy Ribeiro; lá observávamos o cotidiano dos estudantes, desde áreas de lazer até áreas de estudo; realizávamos entrevistas e captávamos imagens para o documentário sobre essa experiência. Em seguida, nos reuníamos com o grupo e professora orientadora para discutir o material encontrado e pensar sobre o estatuto e caminhar da investigação. Foi utilizado o transporte intercampi para a realização da pesquisa de campo.

Os participantes da pesquisa foram abordados nos Centros Acadêmicos e/ou nos corredores da Universidade, de modo aleatório; todos foram informados da pesquisa e de seus objetivos, concordaram em participar e assinaram o TCLE (Termo de consentimento livre esclarecido). E geralmente, as perguntas iniciais que nos aproximavam do campo eram: “Em sua opinião como os estudantes vivenciam universidade?”. Ou então: “Quais são seus cuidados com a saúde?”

Decorrido um curto período de observações, de entrevistas e de reflexões em grupo sobre o campo despontaram diferentes de visões de mundo, de universidade e de saúde existentes no que chamaremos aqui de dois polos de uma mesma universidade, a saber, o “Minhocão” e a FS. Essa distinção entre a FS e o ICC parece ser feita por grande de parte dos cursos que os habitam, ou seja, pelas Ciências da Saúde e pelas Ciências Humanas e Exatas, respectivamente, de modo a dar ênfase à diferença quanto ao uso do espaço físico, perfil dos alunos e expectativas quanto à universidade, sendo essa a área de grande interesse desta pesquisa.

Ilustração 1 - Imagens do ICC/Sul – Câmpus UnB Darcy Ribeiro



Foto de Brenda de Sousa Oliveira

VISÕES DE MUNDO E VISÕES DE UNIVERSIDADE: ENTRE O ICC E A FACULDADE DE SAÚDE

Os aspectos que, segundo os informantes de pesquisa, ou seja, os próprios alunos, diferenciam o ICC e a FS vão das formas mais complexas às mais simples, como, por exemplo, o modo de se vestir, a arrumação dos cabelos, a alimentação, os estilos de vida e até a vivência cotidiana da universidade.

Ilustração 2 - Estudante do ICC/UnB Darcy Ribeiro – Vestimenta e Organização Universitária



Foto de Brenda de Sousa Oliveira

No ICC há marcada tendência de estilos de roupas e de modos de expressão que chamam a atenção ou saem do convencional. Não se pode dizer que é algo geral, porém, grande parte dos estudantes se vê vestida de chinelo de couro, saias longas estampadas, bermudas folgadas, camisetas coloridas e customizadas, bolsas e colares expressivos, cabelos coloridos, com “*dreads*”, “*blackpower*” ou “*rastafári*”, além de barbas por fazer e bigodes.

Na FS o perfil da maioria dos alunos se transforma de maneira bem marcada, tênis e sapatilhas fechadas são unanimidade, assim como calças jeans e camisetas brancas e bem alinhadas, desde calouros até os veteranos. Os jalecos brancos e os cabelos comportados saltam aos olhos e de algum modo caracterizam e diferenciam os alunos da FS dos alunos do ICC. Não que isso, novamente, seja uma regra que possa se aplicar e generalizar aos alunos de ambas as partes, mas pediram a

atenção do grupo como um todo quanto aos marcadores de um grupo com relação ao outro.

O mural é um local onde as pessoas exprimem suas ideias em forma de cartazes, no ICC as ideias pareciam conturbadas, uma bagunça, não se restringiam somente a um assunto, mais sim a vários assuntos. Na FS o mural era organizado e limpo, se restringia, muita vezes, a somente um assunto: que é a saúde. Então, fica aquela coisa martelando na cabeça: até onde os murais são delatores da nossa personalidade e do nosso modo de vida. (Brenda, aluna da FCE/UnB e pesquisadora iniciante)

Mas não era apenas isso, a forma de exposição dos eventos e de opiniões pertencentes à atmosfera dos universitários nos parecia igualmente diferente. Durante a pesquisa de campo, fotografamos e observamos cartazes, murais, dizeres, placas e sinalizações no Câmpus que tendem a sugerir essa diferença de vivência da universidade no “Minhocão” e no ICC. No primeiro, as paredes são escritas e desenhadas, existem cartazes por todos os lados, os murais são desordenados e contêm todo o tipo de recados e avisos, desde palestras e eventos culturais até as mais diversificadas festas e declarações de amor, sem mencionar as expressões de defesa e reconhecimento dos homossexuais, feministas e questão racial.

Ilustração 3 – FS/UnB Darcy Ribeiro e um grupo de alunos da FS.



Foto de Brenda de Sousa Oliveira

Já na FS cartazes e avisos aparecem em murais mais organizados e existem pouquíssimas expressões que fogem dos temas acadêmicos, o transmite uma impressão de “seriedade”, de um lugar mais limpo e menos agitado.

Ilustração 4 - ICC – FS



Foto de Brenda de Sousa Oliveira

Práticas mais sutis e mais complexas também diferenciam o ICC da FS, como, por exemplo, a ideia do que seria e como seria viver a universidade. Enquanto, para a maioria dos alunos do ICC, de acordo com as entrevistas, viver a universidade é aproveitar a troca de experiências e de diversidades que a mesma proporciona tanto entre pessoas como saberes. Do outro lado, para os alunos da FS, o foco maior era anunciado como “aproveitar o ambiente da universidade e as oportunidades por ela criadas, para se destacar profissionalmente”, através de uma produção construída naquele espaço e visando uma contribuição para a sociedade. Para elucidar tais pontos de inflexão, vale recuperar alguns trechos de entrevistas com os estudantes:

Além dos espaços acadêmicos, é interagir com o outro, interagir com a natureza, com o concreto, interagir com as pessoas, passar e receber conhecimento e estar sempre aberto para essas trocas. (Lílian, Estudante de Ciências Sociais, 09.04.2013).

Tentar entender um pouco a sociedade que você vai entrar daqui uns anos, tentar saber qual a sua posição dentro dela, qual forma você vai ser parte dela, que vai trabalhar e ajudar ela. (Ana, Estudante de Enfermagem, 09.04.2013).

Por isso, em algumas, essa ideia de “como viver a universidade” parece conversar com a ideia de ser estudante de um determinado curso, como acontece, por exemplo, com muitos estudantes que usam camisetas, bonés, bolsas ou etiquetas nos carros que estampam o local ou o curso de estudo. Diante das

entrevistas e observação cotidiana, vimos que a maioria das pessoas “vestem” os cursos que fazem e os estampam em si mesmos, também com opiniões, expressões, posturas e em seus espaços, ou seja, tanto nas formas mais simples do dia a dia, quanto nas formas mais complexas, que dizem respeito as expectativas e modos de vivência do cotidiano universitário.

Para pensarmos um pouco mais sobre essas questões, o Restaurante Universitário (RU), é também um exemplo disso, posto que ali se concentram alunos de todos os cursos e com as mais diversas diferenças, entretanto, exibem nesse espaço também o seu pertencimento ou a origem, haja vista permanecerem em grupos e externalizarem a pertença mediante camisetas, “gritos de guerra” e uso de camisetas e aparatos diferenciadores. No entanto, isso não impede de que seja percebido como uma das pesquisadoras o persegue:

O RU mescla a necessidade de se alimentar com a diversidade da universidade, pois em uma única mesa você pode estar sentado ao lado de um angolano, frente a um estudante de Engenharia, batendo um papo com uma estudante de Pedagogia, sendo que seu curso é Enfermagem, só um exemplo de como a comida mescla com a diversidade. (Brenda, aluna FCE e pesquisadora)

Partindo da hipótese de que os espaços têm ethos e organização específicas, percebemos, diante desses breves dados, que têm repercussão nos comportamentos, na medida em que acabam por moldar comportamentos, leituras e visões de mundo das pessoas que neles circulam.

Sobre essa questão, em *A Perspectiva Sociológica – A Sociedade no Homem*, Peter Berger (2007, p. 108-109) desenvolve o seguinte raciocínio: os papéis que o indivíduo assume em sociedade faz com que ele adquira uma determinada postura que atenda aos critérios que já estão pré-estabelecidos pela mesma. Os papéis vão construindo e influenciando os indivíduos e suas ações na sociedade, ou seja, não somente a sociedade atua no homem – sendo capaz de modificar seus pensamentos e até mesmo atitudes – mas, também o homem atua sobre ela ao se inserir em determinado espaço, modificando-o pelas mesmas razões/meios: pensamento e atitudes. “Um papel, portanto, pode ser definido com uma resposta tipificada a uma expectativa tipificada.” Ou mais, “[...] oferece o padrão segundo o qual o indivíduo deve agir na situação. Tanto na sociedade

quanto no teatro, variará a exatidão com que os papéis fornecem instruções ao ator.”

O papel social como formador da identidade do indivíduo exige das próprias pessoas certas atitudes e essas são construídas e modeladas pela sociedade. Nesse sentido, para Berger (2007, p. 112), “[...] o significado da teoria do papel poderia ser sintetizado dizendo-se que, numa perspectiva sociológica, a identidade é atribuída socialmente, sustentada socialmente e transformada socialmente.”

E isso acaba por influenciar também a maneira de se relacionar e com quem se relacionar, justificando, então, o/os porquê/s uma pessoa interage com determinado grupo social e não com outro.

O indivíduo se localiza na sociedade dentro de sistemas de controle social, e cada um desses sistemas contém um dispositivo de geração de identidade. Na medida em que for capaz, o indivíduo tentará manipular suas ligações de maneira a fortalecer as identidades que lhe proporcionaram satisfação do passado. (BERGER, 2007, p. 115-116).

A universidade acolhe as pessoas mais diversificadas possíveis no que diz respeito à cultura da qual se originam, propiciando um ambiente múltiplo de troca de saberes, experiências e pensamentos, influenciados pelo meio em que vivem e/ou do qual vieram os que ali se encontram. Mas é também uma instituição na qual os indivíduos têm seus corpos e comportamentos moldados, na maioria das vezes, pelo processo de “disciplinarização” dos corpos, como pensado por Michel Foucault (1979). Para quem, a disciplina funcionaria como um conjunto de regras tidas quase como “naturais,” em decorrência de seu grau de introjeção e de normas, para desencadear uma normalização (FOUCAULT, 1979). Nesse sentido, trata-se, em última instância, de uma estratégia de coerção social, onde o indivíduo é moldado de acordo com o meio social no qual se vê inserido, seguindo regras estabelecidas também para ser aceito.

Se seguirmos essa linha de argumentação, os universitários seriam, então, moldados pelo meio acadêmico no qual convivem, pois esse ao estabelecer regras de conduta e de horários de aula, de como estudar, de como festejar ou não festejar, cria modos de ser na universidade. Esse mesmo indivíduo, entretanto, em nossa leitura, também modifica esse espaço a partir da inserção de seu corpo, de

seus costumes e atitudes na universidade, que, por consequência, passa por uma constante transformação e é alterada em seus espaços pela presença do homem.

No caso da universidade, trata-se de uma instituição social organizada de forma coletiva e responsável pela construção de sujeitos morais e eticamente comprometidos com o ideal público (SETTON, 2005, p. 338). O próprio REUNI prevê e reitera essa formação ética e comportamental. Segundo Goffman (2010, p. 15-16), “[...] os estabelecimentos sociais – instituições, no sentido diário do termo, - são locais, como salas, conjuntos de salas, edifícios ou fábricas em que ocorre atividade de determinado tipo.” Nesses espaços, o indivíduo tem consciência de obter *status* social, não importando quão agradáveis ou descuidadas elas possam ser.

A disciplina é, antes de tudo, a análise do espaço. É a individualização pelo espaço, a inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório. A disciplina exerce seu controle, não sobre o resultado de uma ação, mas sobre seu desenvolvimento. (FOUCAULT, 1979, p. 106).

Como vimos, para Berger (2007, p.103), a estrutura institucional da sociedade molda as ações dos indivíduos e até suas expectativas, por meio das regras de conduta que estabelecem o tipo de ação que se deve seguir e/ou realizar, pois esta já estaria pré-definida. Funciona, então, como se as regras da instituição canalizassem as condutas de cada ator social contribuindo para uma coerção do indivíduo em meio/sobre a sociedade, ao seguir os padrões considerados aceitáveis pela mesma.

A partir do conceito de “grupo de referência”, Berger, situa essa discussão no localizado e situado, pensando-o como modelo de existência através do qual os indivíduos comparam-se mútua e continuamente. Ao fazê-lo nos abre brecha para que pensemos a universidade como essa coletividade “referência” e “[...] cujas opiniões, convicções e rumos de ação são decisivos para a formação do próprio indivíduo de suas opiniões, convicções e rumo de ações.” (BERGER, 2007, p. 133).

Pudemos, no entanto, observar uma variedade de “grupos de referência” dentro do meio acadêmico universitário, nos quais cada um defende ou veste seus cursos, de acordo com o determinado pelo grupo no qual está envolvido. Na

realidade, para fazer parte desse grupo é necessário ter pelo menos o modo de agir ou até mesmo de pensar parecidos e semelhantes aos pensados em coletividade. Por meio dessa ligação, o universitário adquire uma forma de ver o mundo diferente de acordo com a visão de grupo.

É evidente a necessidade que um ser humano tem de ser aceito num mundo ou de participar de determinado espaço com outras pessoas. Porém, essas reflexões e observações nos levam a pensar em outro viés, a saber, que os universitários são iguais à maneira de se mostrar diferentes, roupas, discursos, expressões, ou seja, os universitários de ambos os polos utilizam os mesmo artifícios para se diferenciar, tornando-os, assim, iguais em sua essência, pertencentes a um mesmo grupo, o dos universitários.

Na investigação sobre a opinião dos alunos do ICC e FS sobre a expansão da universidade, vimos que a grande maioria dos alunos, não acredita que “a qualidade e tradição pertencente à UnB do Plano Piloto”, ou seja, do centro, serão e podem ser levadas para a periferia, que, nesse caso, poderia ser a FCE/UnB, local onde estudamos e de onde saímos para a realizar esta pesquisa.

Ilustração 5 - Fotografia de dizeres em giz no Câmpus Darcy Ribeiro



Foto de Brenda de Sousa Oliveira

Dessa forma, ainda que todos universitários, vigora um processo de diferenciação constante nesse universo, os estudantes se diferenciam a depender de seu grupo de referência, mas principalmente a partir de seu curso ou área de estudo, como pudemos perceber a partir da comparação ICC e FS. No entanto, hoje

em dia, tal processo parece adquirir outras dimensões e resvalar para hierarquias, na medida em que o REUNI, os estudantes desse programa, aparecem como hierarquicamente inferiores em termos de qualidade e oportunidade. Ou quando isso não acontece, vem como algo da ordem do desconhecido, ou seja, os estudantes pouco ou quase nada sabem da democratização da universidade.

Segundo alunos da FS, a expansão não alcançaria a sua finalidade e a UnB não seria a mesma no Darcy Ribeiro e nos outros locais por conta de “ausência da qualidade de ensino, dos professores e dos próprios alunos”. Outros, concordam com a expansão e com sua necessidade, tendo pleno conhecimento deste processo na UnB, porém, sinalizam:

A Universidade tem que expandir, tem que ser maior, porém, com qualidade e isso não acontece. (João, Estudante de Medicina, 26.04.2013).

Tem a sede de um lugar, no caso o Darcy Ribeiro. As expansões, então, não são as mesmas. Um exemplo disso, quando eu fazia ensino médio eu fiz no Sigma da Asa Sul, era muito bom; quando começaram a expandir para outros lugares, não ficou tão bom. (Caloura de Enfermagem, FS/UnB).

Mas é diferente, o entorno do Darcy é diferente do entorno da Ceilândia e isso influencia para que as pessoas tenham preconceito com relação à extensão (REUNI). (Calouras de Enfermagem. FS/UnB).

Ilustração 6 - Imagem do Câmpus FCE/UnB em construção



Foto de Brenda de Sousa Oliveira

Praticamente, nenhum dos alunos entrevistados na FS tinha conhecimento ou notícia sobre o currículo dos cursos da FCE, por exemplo, que, de mesma maneira, é também da área da Saúde e da mesma Universidade.

Já no ICC, encontramos dois grupos de opinião sobre a expansão da universidade: os que não conheciam a expansão e nem se mostraram interessados em conhecê-la e os alunos que apoiavam a expansão e defendiam sua importância, mas confessavam que nunca haviam se interessado em conhecer mais ou saber de sua atual realidade.

Acho que a Ceilândia, a Ceilândia mesmo, é meio perigosa, uma área periférica, mas o Campus mesmo não conheço. Só sei que é da área da Saúde, mas não conheço mais nada. Mas acho massa levar para lá a universidade, porque muita gente aqui é tipo de classe alta e o contraste é massa. (Estudante de Antropologia, Darcy Ribeiro).

Em nossa leitura, tal desconhecimento dos alunos do Darcy Ribeiro com relação ao REUNI e expansão experimentada na própria UnB, poderia sugerir a falta de difusão de informações sobre os novos campi e sobre a importância do REUNI por parte da própria instituição e também do MEC. O distanciamento existente entre UnB/Centro e os novos campi, tanto em informação, divulgação, possibilidade de interação e até mesmo no que tange a esclarecimentos quanto aos currículos, didática, eventos e corpo docente, portanto, dificulta as relações entre os campi, gerando uma série de visões preconceituosas e hierárquicas que reforçam uma leitura social preexistente sobre centro/periferia.

Sobre essa ausência de comunicação entre os campi, vale recuperar uma passagem de nossa pesquisa de campo: quando ingressamos em campo, por recomendação da professora orientadora, procuramos pelo ônibus intercampi para o Darcy Ribeiro, transporte que conecta FCE, Faculdade de Planaltina (FUP) e Faculdade de Gama (FGA) ao Darcy Ribeiro e vice-versa. Nos encontramos na antiga FCE/UnB bem cedo, o ônibus intercampi estava atrasado atrasou e poucos estudantes e funcionários sabiam de onde sairia. Ficamos surpresos já com esse distanciamento da FCE com relação ao outro Câmpus, porém, ao tentarmos regressar no fim do dia, depois de um dia de pesquisa, foi ainda mais brusco, pois praticamente ninguém sabia nos informar de onde partia o ônibus do Darcy Ribeiro para a FCE/UnB. De tanto esperarmos e tentar encontrar o ônibus, por fim, retornamos de ônibus convencional da malha urbana da cidade. Essa situação de campo foi uma das primeiras a nos impulsionar a pensar sobre a distância entre os espaços universitários e uma suposta hierarquia entre eles. Passamos, então, a perguntamo-nos pela integração ou proposta de integração existente.

Fiquei chateada quando eu cheguei no Darcy. Fui atrás de uma informação para saber que horas passava o intercampi, que faz o transporte UNB Darcy – UNB Ceilândia, e ninguém soube responder. Naquele momento senti como se a UNB Ceilândia não existisse. (Brenda, pesquisadora, 21.02.2013).

VISÕES DE SAÚDE: ICC/FS

De modo geral, ainda não podemos escrever com clareza sobre as práticas de autocuidado e noção de saúde entre os alunos ICC ou da FS. Esse é um dos objetivos de nossa pesquisa mais ampla naquele espaço, pensar saúde e universidade, principalmente, em razão de um dos espaços ser também uma Faculdade de Saúde.

No entanto, apesar de aparentemente todos terem conhecimento sobre a importância de um corpo saudável, pensado pelo viés biomédico, poucas foram as expressões dessa temática e nessa direção, quando a temática do diálogo é a saúde. No ICC, por exemplo, percebemos várias manifestações sobre diversos usos do corpo e importância de liberdade para tanto, porém, nenhuma sobre o uso

consciente e seguro de quaisquer práticas, enquanto que, na FS, essa expressão é invertida, percebemos muitos cartazes e avisos sobre o cuidado com o corpo, predominantemente pelo viés biomédico e raros sobre as suas diversas expressões de um autocuidado e necessidade de liberdade corporal.

No RU, por exemplo, existe a possibilidade da comida vegetariana para aqueles que, por ideologia, não comem carne, sinalizando para essa liberdade e menos para a ideia de saúde puramente fisiológica.

Esse ponto em especial será aprofundado ao longo da pesquisa, por ora, o que se percebe é uma vigência da noção biológica de corpo e de saúde, porém, com aberturas para outras relações no ICC de maneira mais expressiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mola propulsora de nossa pesquisa é mapear como pessoas diferentes experimentam a universidade, a existência universitária em sua extensão mais ampla, em tempos de democratização e abertura da universidade brasileira. Mais do que isso, buscávamos também refletir sobre modos de existência universitários no campo da saúde e no campo das ciências humanas, com o intuito de entender se e como particularidades dessas ciências se fariam sentir no cotidiano daqueles que recém ingressam no ensino de graduação. Para isso, nos dispusemos a pensar tais questões a partir da realidade da UnB e, mais especificamente, da comunicação entre FCE e Darcy Ribeiro, invertendo, de saída, uma lógica de pesquisa: tornando o centro o objeto de pesquisa da periferia.

Depois de meses em campo, percebemos que no ICC, na área das ciências humanas, parece vigorar uma ideia mais ampla de universidade, no sentido de estar para além da vida profissional e aprendizagem. Nesse sentido, narrativas e práticas de ocupação dos espaços envolvem outros aspectos que não somente as disciplinas, as provas, os congressos e as notas, abarcando festas, práticas de esporte, rodas de amigos, demandas políticas e atividades de associação em geral. Os banheiros e as paredes são repletos de cartazes “desordenados” sobre festas, práticas de ioga, meditação, shows e etc, mas também sobre conferências, aulas e ofertas de emprego. Os estudantes parecem apreciar essa circulação por distintas

disciplinas e lugares de aprendizado (o ICC é vasto e exige deslocamento diário dos estudantes para o cumprimento dos créditos), fumam, cantam, tocam violão, escrevem e pintam, realizam manifestações e aulas de dança no decorrer do horário de aula. E quando questionados sobre corpo/bem-estar percebemos o discurso da liberdade e do autocuidado.

De outra parte, na FS (área das Ciências da Saúde), a preocupação com o destaque e com formação profissional parece ganhar contornos mais fortes, prevalecendo os alunos com largos livros debaixo dos braços, cartazes sobre congressos e aulas, uma maior disciplina quanto ao cotidiano universitário, no qual é preciso, de branco e de maneira igualitária, sobressair-se. Os alunos parecem experimentar a universidade mais com relação a sua profissão, todos usam a mesma roupa e percebe-se uma maior organização do espaço que ocupam. Essa prática talvez se deva ao fato da seriedade com que levam os estudos, em razão de trabalharem com a vida e serem futuros cuidadores desse valioso bem humano. Há, nesse sentido, uma maior “profissionalização da universidade”. Com isso, porém, não entendemos que não existe socialização entre os alunos da FS. E quanto ao corpo percebemos aqui a ideia do cuidado que é orientado por um campo, o biomédico e menos a noção de autocuidado ou de uma liberdade subjetiva.

Dessa forma, os cursos de graduação escolhidos e os espaços por eles ocupados moldam e determinam comportamentos dos universitários, que não usam as camisetas com os nomes dos alunos, mas que também incorporam os hábitos dos lugares pelos quais circulam.

Por fim, a pesquisa sinaliza para o desconhecimento da letra e realidade do REUNI. Os estudantes parecem ignorar a existência e dinâmica dos campi novos Gama, Ceilândia e Planaltina, não somente quanto à estrutura física, mas quanto às propostas. E mais do que isso, alguns estudantes, mesmo sem conhecer, não acreditam na qualidade do ensino proposto pela expansão, muito na esteira da preconceituosa matéria “Expansão Improvisada: A UnB levou sua marca para fora do Plano Piloto. Falta agora levar a tradição e a excelência de seus cursos”, divulgada do jornal *Meiaum*, em uma edição do mês de fevereiro de 2013, a qual divulgava justamente tais ideias preconceituosas sobre a expansão da UnB.

Essa situação demonstra-nos, por um lado, a fragilidade do projeto de expansão quanto à informação de seus propósitos e ausência de diálogo interno sobre a expansão e sua importância por parte da própria universidade. Essas constatações pedem atenção, haja vista, em última instância, poderem afetar no processo de democratização e na qualidade de sua proposta. Nesse sentido, esta pesquisa pode contribuir para a metacrítica do projeto do REUNI a partir de sua vivência prática e de uma pesquisa de campo situada. Esse desconhecimento e ausência de comunicação, não obstante, pode ser atribuída igualmente a novidade do programa, os novos campi contam somente com 5 anos, enquanto o restante da UnB, com 52 anos. Dessa maneira, poder-se-ia pensar o desconhecimento por esse viés, o que não nos impede, entretanto, de refletir sobre a questão e importância de sua temática a partir de agora.

Para completar os propósitos do projeto de pesquisa que envolve este artigo, nos dedicaremos de agora em diante a pensar sobre as percepções universitárias dos novos campi, daquele no qual este grupo de trabalho se vê inserido, procurando, assim, adensar leituras comparativas sobre a experiência da Universidade contemporânea e modos de cuidado entre os universitários. Essas são cenas de nosso próximo capítulo.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 5 jun. 2013.

BRASIL. Lei 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 1 jan. 2001. p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10172.htm>. Acesso em: 5 jun. 2013.

BRASIL. Programa de Apoio a Planos de reestruturação e Expansão das Universidades Federais: **REUNI 2008** – Relatório de Primeiro Ano. Ministério da Educação. 2009. Disponível em: <http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=25&Itemid=28>. Acesso em: 5 jun. 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MONTAGNER, Miguel Ângelo et al. A graduação em Saúde Coletiva no Brasil: um estudo de caso da UnB: Ceilândia. **Saúde Coletiva**, Barueri, ano 7, n. 42, p. 167-172, 2010.

PINHO, Diana Lúcio. "Novos campi: Ceilândia" In: SARAIVA, Regina Coelly Fernandes, DINIZ, Janaína Deane de Abreu Sá. (Org.). **Universidade de Brasília: trajetória da expansão nos 50 anos**. Brasília, DF: Decanato de Extensão/UnB, 2012. pp. 39-46.

PLANO de desenvolvimento da educação- PDE. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/legislacao/leg_i.asp>. Acesso em: 6 ago. 2013.

REUNI. **O que é o Reuni?** 2010. Disponível em: <http://reuni.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=25&Itemid=28>. Acesso em: 5 jun. 2013.

SARAIVA, Regina Coelly Fernandes, DINIZ, Janaína Deane de Abreu Sá. (Org.). **Universidade de Brasília: trajetória da expansão nos 50 anos**. Brasília, DF: Decanato de Extensão/UnB, 2012.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A Particularidade do Processo de Socialização Contemporâneo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 335-350, 2005.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **UnB Ceilândia: histórico da FCE**. Disponível em: <<http://fce.unb.br/index.php/historico>>. Acesso em: 6 ago. 2013.

Artigo recebido em: 15/09/2013.

Aprovado em: 08/11/2013.